

OFAYÉ: LÍNGUA, CULTURA E HISTÓRIA

O velho índio partiria para a aldeia de seus antepassados, mas deixaria para os mais novos o motivo de sua meditação. Sonhara que uma tribo de homens diferentes estava a caminho e, quando chegasse, mudaria o tipo de vida de seu povo. M. Terena (1992: 4)

A língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui, se expressa através da língua; mas também a língua em si é um dado cultural. J. M. Câmara Jr. (1965: 18).

Marlon Leal Rodrigues¹ (UEMS/UNICAMP)

0. Introdução

Os Ofayé resistem. Embora em número muito reduzido e tendo que se casar com membros de outras etnias, como é o caso mais recente do jovem cacique Coi que se casou como uma índia Kaiowá-Guarani. Os poucos sobreviventes ainda resistem pacificamente como sempre o fizeram, aliás, o nome Ofayé designa povo do mel.

Eles foram dados como extintos por vários pesquisadores, como o antropólogo Darcy Ribeiro, por exemplo, no entanto foi a lingüista Sara Gudschinsky, em 1958, quem fez uma descrição significativa da língua, a mais detalhada que se tem; e Marcos Terena, em 1992, de alguma forma, também concebe a extinção dos Ofayé quando não os inclui em seu livro. Em 1993, alguns textos ainda inéditos de Nimuendajú, sobre os Ofayé, foram organizados em uma coletânea de Marco A. Gonçalves pela editora da UNICAMP.

Em 1990 e 1991, uma equipe de pesquisadores da UNESP de Araraquara iniciou um projeto de descrição da língua, chegando a elaborar duas cartilhas, que serão vistas no próximo tópico, no entanto o projeto foi abandonado.

Carlos Alberto Dutra, amigo e pesquisador dos Ofayé, é sem dúvida a maior fonte de documentos e história sobre os Ofayé. Desde o contato com o pequeno grupo, na década de 80, ele foi coletando informações e pesquisando em todo tipo de documentos que encontrasse. Assim, acumulou uma gama de informações que resultou no livro *Ofaié, morte e vida de povo*, publicado em 1996.

Recentemente, em 1999, com a criação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas, o prof. Giusti (Lumier Lyon 2/UFMS) se interessou pelos Ofayé. Após o contato com Dutra, no primeiro semestre de

¹ Agradeço ao CNPq pela bolsa de doutorado, desde 2002, na Universidade Estadual de Campinas-SP.

2000, o prof. Giusti iniciou a pesquisa repleta de expectativa, no entanto, não foi muito longe, mas serviu para que outros pesquisadores se interessassem pelos Ofayé. Talvez este seja o maior mérito de todo o trabalho.

Atualmente, há um projeto interdisciplinar “Guarda-chuva” na UFMS (aguardando aprovação), os quais reúne cerca de 10 pesquisadores de diversas áreas e instituições. O prof. Eduardo Ribeiro (Museu Antropológico de Goiás/UFG) – indicado pelo prof. Dr. Angel Corbera (UNICAMP) - iniciou, em 2002, um projeto de revitalização da língua, projeto similar que desenvolve junto aos Karajás. Em 2003, a profa. Maria do Socorro, da UFA, iniciou uma descrição lingüística, da qual apresentou os primeiros resultados no Seminário (16 e 17 de dezembro de 2003) feito na aldeia e promovido pela Secretaria de Educação e Cultura-MS sobre Educação Indígena. É importante ressaltar que em 2003 a Secretaria de Educação e Cultura designou uma coordenadora, profa. Miriam Alves, para desenvolver um projeto de educação junto aos Ofayé.

Assim, a partir dessas considerações, a proposta deste trabalho é fazer um certo comentário sintético de alguns trabalhos de descrição lingüística sobre a língua Ofayé.

1. Lingüística

Creio ser importante traçar um breve percurso do desenvolvimento da lingüística e situar os estudos e teorias voltadas para as línguas indígenas. A importância talvez esteja em compreender e demonstrar como as teorias lingüísticas sobre línguas indígenas foram se desenvolvendo a partir das descobertas de categorias e especificidades das línguas pesquisadas.

1.1 Lingüística histórica

Os estudos sobre as línguas do mundo não datam de nossa época. Assim como em outros tempos, o que se faz é dar continuidade e ir desenvolvendo as diversas teorias e concepções a partir de novas descobertas. Os estudos em latim, em sânscrito e em grego e, principalmente, o advento da lingüística sausserana quando se firmou enquanto disciplina e ciência pode-se afirmar que são um marco para aos estudos descritivos das línguas.

A lingüística histórica teve vários estudiosos que comparando o latim, o grego e o sânscrito – cujo nome foi batizado como estudos das línguas indo-européias -, foram descobrindo semelhanças e diferenças. Desenvolveram métodos que mais tarde seriam, além de aperfeiçoados, aplicados a outras línguas. Dentre os vários estudiosos, estão Sir William Jones (século XVIII), Rasmus Rask, Karl Verner, Jacob Grimm etc.

É notório que as línguas faladas estão sujeitas constantemente a processos de mudança, no entanto eles ocorrem lentamente de tal forma que o falante não tem consciência dessa transformação. De acordo com Gabas Jr. (2000: 81), há três fatores básicos que explicam as transformações:

a) as mudanças são lentas e graduais; b) elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema lingüístico e não o seu todo; c) elas sofrem influência de uma força oposta de preservação da intercompreensão. Em princípio, e dado um contexto, apropriado, qualquer parte de uma língua pode mudar, desde o nível fonético-fonológico (dos sons) até o nível semântico (do significado).

Os fatores de mudança lingüística ocorrem em vários níveis. No nível do som pode acontecer por economia, por questões de variação lingüística. As mudanças podem ser de assimilação, metátese, dissimilação, analogia, entre outros processos de transformação fonética.

Em relação à mudança gramatical, de acordo com Gabas Jr. (idem, 88-9),

deve ser entendido todo o processo que tem como resultado uma mudança no sistema gramatical de uma língua, seja no âmbito morfológico, seja no sintático. Os processos de mudança gramatical se distinguem, assim, dos processos de mudança do som e da analogia descritos anteriormente justamente pelo fato de, nos últimos, nenhuma alteração gramatical se produz com resultado da mudança.

Outra mudança é a semântica, esta acontece no nível da palavra, ou seja, a mudança é de significado das palavras de uma língua. Entre os mecanismos que podem promover a mudança, há o neologismo, o contato, o isolamento e o deslocamento semântico.

A lingüística Histórica tem, também, como um dos seus objetivos a reconstrução e classificação genética de línguas. Classificação genética deve ser entendida como o processo pelo qual uma dada língua pode ser agrupada em uma classe específica, isto a partir de vários critérios, como: tipológico ou teórico.

O processo de reconstrução lingüística de uma língua mãe é determinado por parentesco genético entre duas ou mais línguas. A reconstrução da língua mãe se dá pelos seus descendentes, o método utilizado de acordo com Gabas Jr. (idem, 95), é

o método comparativo, que envolve o estabelecimento de correspondências de elementos fonéticos e fonológicos entre palavras *cognatas* nas línguas envolvidas, e a projeção desses elementos no passado, propondo um ancestral cujo desenvolvimento pode ser demonstrado como fonte do que existe no presente.

A partir dessas brevíssimas considerações, creio ser possível ter uma idéia, ainda que muito elementar, de alguns pontos da Lingüística Histórica.

1.2 Línguas indígenas e cultura brasileira

As pesquisas em Ciências Sociais são, de certa forma, tributárias a Malinowsky cujas propostas tiveram origem em sua experiência de campo que rompe com uma tradição de pesquisas de até então, pois sua grande contribuição revolucionou a concepção metodológica nas Ciências Humanas.

Após as reflexões do autor, as pesquisas de campo tomaram um outro rumo e abriram novas perspectivas de abordagens tanto teóricas, quanto de caráter pragmático, considerando que as propostas dele tiveram, como ponto de apoio para a reflexão, a necessidade de, de fato, descrever ou compreender não apenas o funcionamento das instituições, mas como elas se constituem e ainda em que esta constituição está assentada, o que sem dúvida não é simplesmente nos acontecimentos “aparentes” ou nas narrativas dos nativos, mas, sobretudo, na mentalidade que não se fala, mentalidade que os nativos não indagam sua origem e nem os porquês simplesmente. Se é possível apreende-la em alguma extensão, esta possibilidade está no mergulhar longamente nos acontecimentos dos *imponderáveis da vida real* dos nativos e assim tentar descrever alguns de seus aspectos.

Malinowsky comenta ainda que é

através da compreensão da natureza humana em uma forma bastante distante e estranha para nós, talvez possamos encontrar alguma luz a nossa própria. Neste caso e somente neste caso será justo sentirmos que valeu a pena compreender esses nativos, suas instituições e costumes e que conseguimos algum proveito.

De acordo com Moore e Storto (2002: 72)

é possível, através da lingüística, formular hipótese sobre o passado, com base em dados de línguas atuais ou de línguas conhecidas através de estudos históricos. As hipóteses são elaboradas, primeiramente, sobre a pré-história das línguas, pode-se, também, chegar a conhecer como viviam o falantes das línguas do passado: sua cultura, adaptação ecológica, meio ambiente, localização e relação com outros grupos.

Esses autores, a partir de uma perspectiva da Lingüística Diacrônica, abordam algumas idéias básicas dessa área, bem como alguns de seus métodos para relacionar *fatos lingüísticos com a pré-história dos falantes*.

Eles apontam que um dos principais mecanismos de mudança lingüística é a *mudança fonética*, e ainda ressaltam que nas línguas indígenas as mudanças ocorrem da mesma forma.

As mudanças ainda podem ocorrer por *aspectos sociopolíticos* quando um grupo se separa do grupo maior, mudando para uma outra região, ou por motivos políticos. O que pode acontecer é um grupo acabar criando divergências de fala entre os grupos, assim, com o passar do tempo, *criam-se dialetos diferentes* que podem chegar à não compreensão entre as línguas.

Em relação aos métodos, os autores fazem suas considerações a respeito dos métodos lingüísticos *ortodoxos* que consideram a “distribuição de agrupamentos lingüísticos: diversidade como função de antiguidade”, (p. 79), e, a respeito dos *métodos menos ortodoxos*, estes se situam na *glotocronologia de Morris Swadesh*. Uma de suas considerações é que

não é possível afirmar que as classificações lingüísticas e biológicas se confirmam. Existem outras questões não resolvidas, como os movimentos populacionais, utilizados como explicação para a distribuição de línguas e genes, cujas datas são freqüentemente discutíveis.

Já Urban (1998: 87), comenta a respeito de *modelos de sequenciamento cultural brasileiro* cuja finalidade está em abordar a linguagem em sua relação com *forças materiais, econômicas e políticas*. A proposta do autor está em fazer algumas considerações sobre a história da cultura apreendida pelas línguas nativas. Ele discute algumas metodologias bem como o seu alcance e limite. Para ele, uma das virtudes dos métodos está na possibilidade de permitir, além de uma reconstrução, eles favorecem a distinção e determinação das relações genéticas entre as línguas faladas que derivam suas histórias.

Um das questões que mais interessa a este trabalho é a descrição e classificação da língua Ofayé, (p. 90), como a pertencente à família Macro-Jê.

O autor faz uma discussão dos diversos grupos, desde os maiores, como: Jê, Tupi, Karib, Arawak até as famílias menores como Pano, Guaykuru, Nambikuwara, Chacura, Mura, Katukina, Tukano, Yanomami, além de comentar brevemente, de forma geral, a respeito de algumas línguas isoladas.

Urban conclui comentando sobre *a hipótese das cabeceiras ou periferias* como prováveis origens de grandes famílias, como a Jê, Tupi e Karib. Afirma que se fazem necessárias mais pesquisas não se para elucidar empréstimos lingüísticos, como também para maior compreensão de muitas línguas que ainda necessitam de descrição, classificação precisa etc.

Para finalizar este tópico, seria importante ainda comentar a respeito da relação entre academia e as línguas indígenas. Na visão de Craig (2000), essa relação é perpassada por quatro questões básicas: a) uma questão ética-teórica do pesquisador face aos dados na relação com a teoria; b) uma questão ética-política do pesquisador no âmbito da própria academia; c) uma questão ética-compromissada em relação às línguas indígenas que pesquisa, não as tratando como se fossem desprovidas de sujeitos reais e concretos (aqui-e- agora); e d) uma questão ética-alteridade para com as comunidades indígenas que a academia não tem muito como prática ou em consideração. No entanto, só pelo fato de se pensar estas questões a partir da própria academia, demonstra uma mudança de atitude. Estas questões levantadas pela autora apontam para uma certa “ruptura” de uma prática acadêmica.

Seria interessante ressaltar que ela não utiliza o termo ou a questão ética, mas é possível inferi-la nas relações que ela desenvolve desde o início de sua fala inicial, “el propósito desta charla es el, de ofrecer, desde adentro, una visión del mundo académico de la linguística (...) para llegara una reflexion critica de como se situa respecto a la lenguas indígenas y a sus hablantes” (p.37), até suas considerações finais, “existe uma inquietude entre ciertos linguistas académicos para desenrollar una vision apropiada a la importância de lãs lenguas de la relacion entre los linguistas y las comunidades indígenas” (p.51).

2. Contato e história

Se o contato foi traumático, ao longo de mais de um século, a história dos Ofayé tem sido uma trajetória de resistência pacífica e silenciosa, como se verá abaixo. Segundo o

ex-líder Athayde, “os Ofayé nunca reagiram pegando em arco e flecha, como fez os Guaranis, talvez a gente seria hoje em número maior se estivéssemos feito como os outros índios, teríamos terra e não estaríamos vivendo assim desse jeito”.

2.1 Ofayé Xavante: ainda estamos vivos

Dutra (1989) faz uma síntese dramática histórica dos Ofayé a partir de documentos que datam do final do século XIX, quando se estimavam que havia cerca de dois mil índios. Eles não resistiram à expansão agro-pastoril, aos coronéis, ao descaso dos órgãos tutores, aos caçadores de índios ou bugreiros, à violência física e simbólica. Foram de um lado para o outro no Estado do Mato Grosso do sul, na região da Mata, Rio Verde, Bodoquena, Três Barras, Ivinhema, Taguarucu, Samambaia, Botaiporã, Buriti, Taboco, etc. Essa ida e vinda, de um lado para o outro e fuga ao mesmo tempo, à busca de uma terra ainda não terminou. Em 1940, reuniam um grupo de duzentas pessoas, em seguida, é dado como povo extinto, em 1948, pelo antropólogo Darcy Ribeiro. Até, mais ou menos, a década de 70, houve um silêncio de vinte anos da existência dos Ofayé.

No final dos anos 80, começam uma grande campanha em prol dos Ofayé que mobiliza entidades religiosas, entidades nacionais, internacionais e a opinião pública para conseguirem uma terra. São confinados em Brasilândia-MS em uma pequena e insuficiente reserva onde se vivem até hoje.

O livro de Dutra, mais do que um relato rico em fontes e referências históricas da vida dos Ofayé, é uma saga de um povo que ainda resiste, como muitos no Brasil. De dois mil, quando do primeiro contato, hoje estão em torno de vinte pessoas, incluindo jovens, velhos e crianças.

2.2. Ofayé, o povo do mel

É um tipo resumo do texto baseado nas anotações de Darcy Ribeiro. Nele, Dutra (1991) narra um pouco das principais características dos Ofayé, desde a lenda de povoamento do mundo, uma briga entre o sol e a lua que resultou na formação dos animais, até a vida cotidiana desse povo enquanto caçadores, pescadores (em épocas específicas) e coletadores de frutas e principalmente mel. Era um povo de estatura baixa, muito carinhoso,

festeiro e muito alegre, vivia em pequenos grupos, tinha uma forma típica de fazer suas moradias, quer voltada para o frio, quer para o calor. Dutra comenta a respeito da divisão do trabalho na aldeia, sobre casamento, o comportamento dos jovens, ritual dos adolescentes, a forma de liderança na aldeia e a transferência da chefia de pai para filho, além do ritual da morte.

A origem do mel (bora, Mandaguari, mandassai, caga-fogo) está ligada à própria origem do povo Ofayé, ela envolve o lobo guará, o jaboti, o preá, o perdiz, o beija-flor e o marimbondo. Uma história que explica porque os Ofayé sempre encontram mel, e sua amizade com as abelhas. Ainda há um pequeno vocabulário e algumas expressões.

2.3. Hoje e antigamente (Coi aprende e escrever sua gente)

É um livro, (1991), que faz parte do projeto do *Centro de Estudos Indígenas* da UNESP, quando da estadia do Cacique Coi em Araraquar-SP, ainda criança, quinze anos de idade.

Coi narra a história de seu povo e a desenha, conta desde a época que em seu povo não usava roupa, quando a tribo era numerosa. Fala da barranca do rio Verde onde pescavam, da fartura de alimento, e compara com a barranca do rio Paraná, onde não faz mais casa de sapé, mas barracos quentes entre outras coisas ruins que eles suportam.

Comenta que eles têm que pagar pela madeira aos fazendeiros, quando na verdade ali era sua terra. Fala da escassa caça, pesca e coleta de frutas, principalmente de mel. A respeito da terra, comenta que há tempos atrás não havia fazendeiros e eles podiam andar pela mata à vontade. Hoje a situação se inverteu, os Ofayé são uma minoria no meio dos brancos que são uma maioria.

Lamenta que os brancos acabaram com índios. Os poucos precisam ir para a escola para aprender os costumes dos brancos. Fala da falta de terra para fazer roça quando antigamente não precisava. Hoje estão na dependência de terra e comida da FUNAI, e também se vêem obrigados a trabalhar para os brancos. Além da fome, estão morrendo de doenças contraídas do homem branco.

Em julho de 1991, Coi retornou para Brasilândia.

2.4. Caderno de leitura 1



É um livro destinado a servir de apoio à alfabetização das crianças que não mais falam a língua Ofayé. Foi feito por uma equipe interdisciplinar de professores da UNESP e alunos bolsistas.

A aluna, bolsista da FAPESP, de Souza (1991: 2), faz a apresentação explicando que o objetivo do trabalho é “o conhecimento do código da escrita em português” e “despertar a curiosidade das crianças para outras muitas palavras em Ofayé”.

O livro inicia com uma relação de consoantes e vogais em Ofayé comparadas com o português. Em seguida, vem uma série de exercícios seguidos de desenhos: jogo de palavras cruzadas, organização de letras, reconhecimento de letras, ligar os pontos que formam letras e estas palavras, dar nome aos desenhos, separação de sílabas, formar sílabas, fazer desenhos, sinais de acentuação, escrever nomes a partir de desenhos, completar espaços vazios com palavras etc. São pequenas lições, mais destinadas a recreação, segundo Souza (p. 40).

Este livro, atualmente, não é utilizado pelo Ofayé porque não dá conta de “explicar” a maioria dos fatos fonéticos-fonológicos da língua, mesmo considerando que tenha sido idealizado para fins didáticos, segundo Coi, o cacique, e também professor. Ele apresenta uma simplificação exagerada do quadro de vogais e consoantes, as comparações nem sempre apresentam a mesma correspondência tanto em português quanto em Ofayé.

Abaixo reproduzo a “explicação para monitores” (p.3-6):

Relação das consoantes encontradas nas falas Ofayé, transcritas e adequadas até jul.1991.

CH – G – H – K – KK – L – N – L – N – NH – R – T – X.

Relação das vogais: A – À – Ã – E – Ê – I – ~I – Y – O – Ô – U – W – ~W.

Comparação dos sons consonantais em Ofayé com os sons de palavras em português:

CH = é pronunciado como em Chama, no português.

G = é pronunciado com e Gato.

H = esse som representa o R de Roupa em português.

K = é pronunciado com o C de Casa.



KK = este som representa o K aspirado; desta forma, é pronunciado de maneira mais suave que K (c) de Casa. Esse tipo de som não encontramos nas palavras em português.

L = como em português – Lata.

NH = é a realização do som NH como em banha. Obs.: O som NH, quando pronunciado em Ofayé, parece ser acompanhado da semi-vogal Y; isso se deve a palatização da pronúncia do som NH.

Veja o exemplo em português da palavra banha e a sua transcrição fonética: banha (‘banhya).

R = é a realização do r com em arejado. Pode também ser outra variação, como em português do r na palavra ordem.

T = é pronunciado sem ruído, como o T de tema em português (linguodental); este som é pronunciado com a língua entre os dentes.

X – esse som é a variação do som T, é o T pronunciado como ruído, como em tia (tsia).

Sons vocálicos em Ofayé comparados com os sons em português:

A = é a realização total da vogal A (aberta): cavalo.

À = este som é uma variação de A. É o A pronunciado com um certo fechamento da boca.

Ä = esta vogal é uma variação do A pronunciado com um certo fechamento da boca e nasalização como em português o 1º. A de cama.

E = esta vogal é semelhante ao E de café em português: é o E aberto.

Ê = este som é o E aberto com uma leve nasalização (em português esta nasalização é representada pela letra M com em Bem (b~ey).

I = é pronunciado como em português, como no exemplo: vida.

I = é o som de I nasalizado com em português vinho (vi~inhu).

Y = é o ~I semi vocálico como em português baixo (bayxu).

O = é o som aberto da vogal O como em português na palavra bota (bota).

O = é o som O fechado nasalizado como em português bonde (bõndi).

U = é o som U aberto e realizado somente como em bruto.

W = é o som W semi vocálico, ou seja, pronunciado de uma forma mais aberta que o U com em cauda (kawda).

W é o U semi vocálico nasalizado.

Obs.: as adequações levaram em conta, basicamente, o documento da FUNAI (portaria211/v) de 29/10/74, que diz respeito às várias línguas do tronco Jê. Algumas modificações se fizeram, tendo em vista a especificidade da língua (isolada, com intruções Jê) não predominante no documento em questão.

3. Língua Ofayé: uma descrição a ser feita

A língua Ofayé primeiramente foi denominada de Ofayé-Xavante, isto porque todos os índios eram considerados xavantes. Durante algum tempo, até por falta de interesse, pensou-se que era uma língua que não pertencia a nenhum grupo ou família lingüística das estudadas atualmente no Brasil, no entanto, já é possível classificá-las como pertencente ao tronco Macro-Jê, de acordo com Urban, como foi visto na seção anterior.

Em relação à palavra Ofayé, que ora é grafada com <y>, ora com <i>, de acordo com Eduardo R. Ribeiro (MA-UFG), o mais apropriado é a grafia com <y>. Outra consideração é que os Ofayé se autodenominam Ofayé e são conhecidos como tal. Às vezes acontece que certas etnias são conhecidas por um nome e se autodenominam por outro.

Além de Gudschinsky² (1958/9), a equipe do Mestrado da UFMS, conforme já comentado, produziu algumas considerações, ainda que elementares e como trabalho de disciplina, após muito tempo, e foi o primeiro grupo a produzir algum material, especificamente a respeito da fonologia, sobre a língua Ofayé, como será visto nas seções seguintes.

O texto de Schineider (2001) é bem pequeno e nele ela faz um brevíssimo relato sobre os Ofayé, cita alguns pesquisadores, comenta a respeito da pesquisa de um modo geral, e destina algumas poucas linhas sobre o nível lexical onde esboça uma comparação elementar, no entanto, não menos significativo, com o trabalho de Gudschinsky.

Algumas considerações de Schneider (p.4-5) dizem respeito ao campo lexical:

A nível lexical verificou-se que a presença de um determinado aspecto do ambiente só aparece registrada na designação dadas às coisas (...) no campo lexical da comida não existem os termos genéricos, como frutas, verdura, existem somente os termos específicos, de acordo com a informante Neusa. Também foram encontrados variantes para a palavra cama [oko'téré] e avariante [e~sé~ji]; relâmpago [awew~i] e a variante

² Creio não ser desnecessário fazer algum comentário a respeito da pesquisa de Gudschinsky, uma vez que o texto dela, além de ser muito conhecido é obrigatório para quem se interessa ou venha se interessar pela língua Ofayé, já que é o que se tem de mais consistente.

[aãwe'w~i]. Outro fato interessante é a presença de mais de uma vogal sílaba tônica, como por exemplo, lua cheia [kata'wega'te], assemelhando-se ao francês, fato também observado por Gudschinsky (1994) com os exemplos das palavras [te'hewo] e canoa [Neg-~yweg]. A referência aos lexemas dia e sol é feita com a mesma palavra [kata'awegatk] podendo ser justificada devido aos elementos em comum existentes entre os dois lexemas.

Na língua do povo Ofayé foi encontrados os fonemas [mB] [mP], como a palavra [mGe'té] (branco).

Após a visita à aldeia, a leitura de sua história de desrespeito e massacre pela sociedade branca, verifica-se o grande valor do resgate da língua desse povo, que, ao perdê-la, perde também a sua identidade enquanto povo.

Dargel e Silva (2001) apresentam um trabalho um pouco mais consistente. Na introdução, ressaltam o caráter do trabalho. Fazem um breve comentário a respeito de fonética e fonologia, e elas dedicam uma boa parte para narrar a pesquisa e as impressões gerais. As autoras retomam Gudschinsky para, em seguida, discutir a respeito dos *fonemas vocálicos da língua Ofayé* (p. 14).

Dargel e Silva optam por trabalhar com proposta do prof. Giusti para classificação dos fonemas vocálicos e procedem a uma pequena descrição de alguns dados coletados sem deixar de fazer um paralelo com Gudschinsky.

Segundo elas (p. 14-5), o modelo do prof. Giusti é o seguinte:

/y/ /~i/ /i/	/w/ /~u/ /u/
/e/ /~e/ /é/ /~é/	/o/ /õ/ /ó/
/a/ /ã/	

Dessa forma, optamos por adotar tal quadro para proceder a nossa descrição. Assim, tem-se três sons para o fonema /i/, três sons para o fonema /u/, quatro sons para o fonema /e/, três sons para o /o/ e a vogal /a/ com dois sons.

/y/ e /w/ são sons pronunciados na posição que forma semivogal seja por posição final ou medial: (1) [ayte'ge] – comida; (2) [haw'é] – chão.

Quanto ao fonema /ã/, percebemos, como mostrou a palavra **cabeça**, cuja transcrição fonêmica (3) /ãgatéh:/ que seria um som /a/ mais interior diferente do /a/ da sílaba

-ga-. Dessa forma, nosso primeiro quadro sofreu mudanças, em que tiramos o /a/ nasal e acrescentamos o fonema /A/ nasal ou não.

Com relação a palavra **cabelo** obtivemos duas pronúncias, assim (4) /A~i/ e (5) /A'i/. Nessa transcrição é possível perceber que para o mesmo som houve uma variação: na primeira, o som /A/ e, na segunda, como se fosse um e arredondado. Com isso, o quadro vocálico proposto anteriormente segue as seguintes alterações propostas pelo prof. Dr. Emílio Giusti que considera a seguinte classificação para os fonemas vocálicos da língua Ofayé. Neste estudo, adotamos o modelo proposto por Giusti.

/y /~i/ /i/	/w/ /~u/ /u/
/e/ /~e/ /é/ /~é/	/o/ /õ/ /ó/
/A/	
/a/ /~a/	
/a/ /ã/	

o fonema /A/ está localizado na parte interna do nosso quadro, por ser uma vogal mais alta que o /e/ e a sua pronúncia se mais interior e mais arredondada, seria uma pronúncia entre o /e/ e o /a/. É uma zona que vai do /a/ posterior ao /e/ centralizado.

Observe-se outras variações com relação a este fonema: **pESCOÇO** – (6) /agAta'^sow/; (7) /~agata'^sow/ (...)

Podemos concluir, supondo que, a partir dessas ocorrências, o fonema /A/ é uma variante do som /a/ que ora se realiza em /a/ ou /a/, ora se realiza /A/. Com relação a vogal e tem-se salientar que o som mais fechado, transcrito como /e/ aparece em grande parte das ocorrências. Aliás, essa é a vogal que mais é atualizada na língua Ofayé, acompanhada pela vogal /i/.

Teno e Rodrigues (2001) se diferenciam de Dargel e Silva ao proporem fazer um *registro das realizações*. Elas utilizam, como metodologia para registro, o campo lexical, como: partes do corpo, fenômeno da natureza, vestuário, acidente físico, parentesco, comidas, bichos/aves, flora, habitat/congêneres, e palavras em geral. Fazem ainda a descrição de algumas variantes, entre outras considerações tanto de Dargel e Silva, quanto

as de Teno e Rodrigues que, embora ainda insipientes, são significativas para compreensão de alguns dos aspectos da língua Ofayé e para futuros pesquisadores.

Segue alguns registros feitos a partir do campo semântico (p. 10- 2):

Partes do corpo: cabeça – agaté-ky'le; cabelo – ky'e; olho – aga'rai (...). Fenômeno da natureza: chuva – ã rie'; vento – rã ta qui; trovão: ã – rri qua te rã (...). Vestuário: calça – a grã 'ram; camisa – ã choe; saia – ã choe-ritã (...). Acidente físico: rio – huiué; lagoa – foi; poço – katagoié (...)

Em Rodrigues (2002), eu produzi um texto (relato) – *Ofayé: povo do mel (um relato)* – onde talvez, tenha sido um pouco detalhista em descrever, de forma geral esse primeiro contato. Narro as aventuras e as desventuras desse contato, como e porque fomos pesquisar os Ofayé, falo da falta de experiência nossa (alunos) e de alguns constrangimentos, o problema da metodologia adotada para coleta de material, do recenseamento, de algumas análises dos dados etc. É importante ainda comentar que

segundo o prof. Giusti, algumas de suas conclusões, bem iniciais, já era possível delinear o quadro das vogais e consoantes; estabelecer alguma regularidade de posição sintagmática verbal e nominal, que poderiam apontar para o estudo de uma tipologia. Estas considerações e análises, incluindo parte do material coletado, ficaram com o professor que havia viajando para a França no início do primeiro semestre de 2001 (p. 12).

Em minhas considerações afirmo, que esta pesquisa foi abandonada em parte, pois, se o prof. Giusti não mais renovou o convênio e a pesquisa foi interrompida, há dois pesquisadores já trabalhando na descrição lingüística, os quais já foram citados, prof. Eduardo Ribeiro, a prof. Maria das Dores, além do projeto interdisciplinar da UFMS – Câmpus de Três Lagoas-MS, do qual faço parte com um pequeno e pontual projeto.

4. Considerações finais

Creio que estes comentários, de alguma forma, representam, ainda que de forma precária, uma pequena parte da história dos Ofayé, em particular no tocante ao aspecto lingüístico ou às “tentativas”, não só de descrever a língua com a finalidade acadêmica, mas também didática para os próprios falantes.

Seria importante ressaltar que desde os trabalhos lingüísticos de Gudschinsky, o projeto da UNESP de Araraquara, a incursão do Mestrado em Letras da UFMS – Câmpus de Três Lagoas nada de concreto ficou, segundo algumas lamentações dos Ofayé. No entanto, mesmo que os pesquisadores Eduardo Ribeiro e Maria das Dores tenham compromisso,

além de acadêmico, tem uma proposta de revitalização da língua Ofayé. Essa revitalização é uma das maiores ansiedades da comunidade que no dizer de Athayde (In: Schineider, 2001: 5):

A educação precisa cuidar do ensino do Ofayé, porque ao aprender o idioma ele vai sentir dentro de si que ele é Ofayé, ele vai sentir dentro de si que é um índio. Se continua falando só português, ele vai ser uma pessoa diferente da gente.

Referência Bibliográfica

DUTRA, C. A. dos S. (1996). *Ofayé, morte e vida de um povo*. Campo Grande-MS: Edição Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

_____. *Ofayé Xavante, ainda estamos vivos*. Separata do Caderno do CEAS, no. 21, maio/junho/1989.

_____. (1991) *Ofaié, o povo do mel*. Campo Grande, CIMI-MS.

CABRAL, P. E. (2002). *Educação indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões*. Campo Grande-MS: Secretaria de Estado de Educação –MS.

CAMARA JR., J. M. (1965). *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 2^a. ed. São Paulo: Livraria Acadêmica.

COI (1991). *Hoje e antigamente (Coi aprende a escrever sobre sua gente)*. Centro de Estudos Indígenas – UNESPE/ARARAQUARA.

GRAIG, C.G. (2000) Los lingüistas frente la lenguas indígenas. In: *As línguas amazônicas hoje*. Vol. 1. pp. 37051

GUDSCHINSKY, S. (1974). Fragmentos de Ofaié, a descrição de uma língua extinta. In: *Serie lingüística*, no 03, SIL – Summer Institute of Linguistics. Brasília-DF. pp. 177-249

DARGEL, A. P. T. P. e SILVA, L. H. T. da (2001). *Uma descrição fonológica da sistema vocálico da língua Ofayé*. UFMS – Câmpus de Três Lagoas. mimeo

GABAS JR., N. (2000) Lingüística histórica. In: MUSSALIN, F e BENTES, A. C. *Introdução a lingüística 1, domínios e fronteiras*. 3^a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002. pp. 77-103

MALINOWISKI, B. I. Objetivos, método e alcance desta pesquisa. In: GUINARÃES, A (org.). *desvendando as máscaras sociais*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, s/d. pp. 39-61



RODRIGUES, M. L. (2002). *Ofayé: o povo do mel (um relato)*. UFMS – Câmpus de Três Lagoas-MS. Mimeo

SANTOS, E. G. dos e OLIVEIRA, I. E. de S. (2003). Ofayé: um pequeno glossário. In: *II seminário de estudos da linguagem "identidades"*. Caderno de resumos e programação. Três Lagoas-MS: Editora Dom Bosco. p. 41

SOUZA, M. C. de (1991). *Cadernos de leitura 1*. Centro de Estudos Indígenas, UNESP/ARARAQUARA.

SCHINEIDER, M. (2001) *O povo Ofayé*. UMFS – Câmpus de Três Lagos. mimeo.

STORTO, L. e MOORE, D. (2002). As línguas indígenas e a pré-história. IN: PENA, S. D. J. *Homo brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantopologicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto-SP: FUNPEC-RP. pp.73-92

TENO, N. A. C. e RODRIGUES, V. dos R. (2001) *Realizações fonológicas das entrevistas realizadas na aldeia Ofayé*. UFMS – Câmpus de Três Lagoas. mimeo.

TERENA, M. (1992). *Cidadãos da selva, a história contada pelo outro lado*. Rio de Janeiro: Gráfica JB.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, M. C. da (org.) (1998). *História dos índios no Brasil*. 2^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras. Pp. 87-102